

A poética imagética-semiótica de Jalāl al-Din Rûmî: uma alusão ao encontro Eu-tu como mística do encontro com a divindade

The Jalāl AL-Din Rûmîs semiotic-imagetic poetics: an allusion the I-You meeting as a mysticism for encountering God

Celeide Agapito Valadares Nogueira¹

[\[celeideagapito@gmail.com\]](mailto:celeideagapito@gmail.com)

Resumo

Este artigo busca uma hermenêutica da poética imagética de Rûmî com o intento de vislumbrar as facetas deste místico sufi que o levam a considerar a vida vivida e experienciada no amor humano, na relação com o outro, como possibilidade de ascensão ao amor divino e, nesse sentido, faz uma aproximação com a mística cristã de Francisco de Assis e a fraternidade cósmica. A poética de Rûmî traz em seu bojo, particularmente, a questão da alteridade como porta de amor a Deus. É na relação/encontro com o tu que o Eu se completa e se espelha, e conseqüentemente se encontra com o Amado. A aniquilação do pequeno eu (fanâ) reporta-nos a Kénosis crística, entendendo a aniquilação do eu (ego individual) como promissora do Eu (Ana), o maior e mais belo. O verdadeiro sujeito não é entendido como um “eu mônada solipsista”, mas um Eu que está em comunhão de relações com o semelhante, o mundo e Deus, numa união cósmica, através da unicidade no sentimento de amor – dessa forma a ausência física não anula a presença espiritual, pois tudo está interligado.

Palavras-chave: Poética de Rûmî; Francisco de Assis; Encontro/Relação; Eixo-Amor.

Abstract

This article pursues a hermeneutics of Rumi’s imagetic poetics, trying to glimpse the traits that lead this mystic to consider life – in the way it’s lived and experienced in human love and in the relationship to the other – as a possibility to ascend into divine love. In this sense, it makes an approach to Saint Francis’ christian mysticism and cosmic fraternity. Rumi’s poetics brings in itself, specifically, the question of otherness as a doorway to love God. It’s in the relation/meeting with a You that the I can become complete and mirrow itself, and, consequently, it can meet with

¹ Mestranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação do Prof. Dr. Volney José Berkenbrock.

the Beloved. The annihilation of the small I (fanâ) forwards us to the christic Kénosis, considering the annihilation of the I (the individual ego) as promising the greatest and most beautiful I (Ana). It's the real subject, not as a solipsistic monadic I, but as an I in communion, in relation webs with his likes, with the world and with God, in a cosmic union, through the unicity in the feeling of love – in this way, physic absence doesn't nullify spiritual presence; everything is connected.

Key words: Rumi's poetics; Francis of Assisi; Encounter/Relationship; Axle-Love.

Introdução

Considerado um dos maiores expoentes da literatura mística de todos os tempos e, sobretudo sobre o tema do amor como unidade, Jalal-al-Din Rûmî conhecido como *Mawlana* (nosso mestre) nasceu em 30 de setembro de 1207 em Balkh, atual Afeganistão. Morreu a 17 de dezembro de 1273 em Kônia. Aos 37 anos, Rûmî já possuía grande reputação como mestre e um profundo conhecimento de filosofia, teologia, poesia clássica e jurisprudência. Conquistara grande número de discípulos, os quais o consideram um mestre espiritual.

No entanto, um evento iria mudar o rumo de sua vida e influenciar grande parte de sua obra poética. O encontro com Shams de Tabriz em 29 de novembro de 1244 deixaria marcas indeléveis em sua alma e em seu espírito, colocando um “entre”, ao que antes parecia efetivamente estabelecido para Rûmî, modificando o itinerário de sua vida (Lucchesi e Teixeira, 2007).

Qualquer tentativa em abarcar a poesia de Rûmî é vã, não é tarefa simples, tamanha a proporção em que deslancha sua obra poética tanto no campo da mística individual, como no desenvolvimento do campo da comunhão do todo – a unidade. Diante deste fato, este artigo se aterá especificamente à questão da alteridade, do encontro, da relação, experienciada na vida vivida cotidianamente, onde deste acontecimento sentimos a efetiva presença divina.

Com o recurso da imagética, este místico esboça uma linguagem do inexprimível, e deixa um legado semiótico em forma de poesia de forma inusitada, a qual podemos apenas acenar sobre o significado dado por este poeta sufi. Rûmî nos convida a um “olhar” cristalino e um coração polido para poder alcançar a verdadeira morada: o amor.

A poética de Rûmî suscita uma luz ao amor humano, no que se refere à questão do encontro e da relação como possibilidade de encontro com a divindade. Com recursos imagéticos simbólicos Rûmî leva-nos para um não-lugar, um não-ser, um não-dizer.

A Experiência de Deus na relação com Shams

Foi um amor avassalador que arrebatou o coração de Rûmî no encontro com Shams de Tabriz no outono de 1244, em 29 de novembro. Onde houve uma torrente sintonia, que a busca pelo Amado, Rûmî encontra-a na figura do Amigo Divino de Shams de Tabriz. O elo condutor ao amor para a totalidade e unicidade do real consuma-se no encontro entre esses “dois oceanos”, de maneira que os dois passaram quarenta dias em comunhão espiritual e união mística. Inspiravam-se mutuamente, falando a mesma língua, sem a necessidade de palavras, onde a presença do amante espelhava a presença do Amado (Lucchesi, 2000).

A LUA DE TABRIZ

Com a maré da manhã surgiu no céu uma lua.
De lá desceu e fitou-me.

Como o falcão que arrebatou o pássaro,
Essa lua agarrou-me e cruzou o céu.
Quando olhei para mim, já não me vi:
Naquela lua meu corpo se tornara,
Por graça, sutil como a alma.

Viajei então em estado de alma
E nada mais vi senão a lua.
Até que o segredo do saber divino
Me foi por inteiro revelado:
As nove esferas celestes fundiram-se na lua
E o vaso do meu ser dissolveu-se inteiro no mar.

Quando o mar quebrou-se em ondas,
A sabedoria divina lançou sua voz ao longe.
Assim tudo ocorreu, assim tudo foi feito.

Logo o mar inundou-se de espumas,
E cada gota de espuma
Tomou forma e corpo.

Ao receber o chamado do mar,
Cada corpo de espuma se desfez
E tornou-se espírito no oceano.

Sem a majestade de Shams de Tabriz
Não se poderia contemplar a lua.

Nem tornar-se mar (Rûmî In: Carvalho, 1996, p. 27).

Este poema narra o impacto do encontro com Shams sobre Rûmî, encontro este que mudaria todo o curso de sua vida. O nome Shams significa sol, e até mesmo o seu nome reporta-se a um sentido simbólico, onde este é a luz que tudo ilumina, “o Sol de Tabriz” que permite ver a lua. Shams revela-se como teofania – manifestação divina – fundando a partir daí, outra “realidade”, ou a intuição para contemplar a efetiva realidade eterna. Rûmî encontra em Shams a face divina (o homem perfeito) o amigo espiritual.

Rûmî buscava uma imagem viva do divino e estava apto a contemplá-la. Shams colocou-se no lugar do Amado, o que permitiu ao Rûmî refletir e realizar-se nele. Sol-espelho, era a um só tempo o Sol da verdade (*Shams ul-Haqq* como é chamado no poema “A lua de Tabriz”, que abre a presente antologia) e o espelho polido no qual Rûmî pôde reconhecer seu próprio sol em pleno brilho (Carvalho, 1996, p. 27).

A poesia de Rûmî é uma busca constante em expressar aquilo que não é dizível, o inominável, pois do âmbito do sentimento, apreendido pelo órgão do “coração” (qalb), o ligame com o Amado leva-nos para um não-lugar, um não-ser, um não-dizer. Como dizer deste êxtase da união mística se as palavras não dão conta de exprimir o inexprimível?

Em Rûmî passamos da metafísica do ser para a metafísica do não-ser. [...] E os místicos morrem de amor. A vida e a morte iluminam as águas do silêncio. Do silêncio do não-ser. Da fruição divina. O Tudo e o Nada. Desabitarse para habitar-se. Sair para não-sair. Morrer pra não-morrer. Tal a dialética dos místicos. Seguir da névoa ao resplendor da Lua. Das águas turvas para as águas claras. E assim, para os sunitas, as águas deste Mundo movem-se, entre fluxo e refluxo, criação e destruição (Lucchesi, 2000, p. 13-14).

Moro na transparência desses olhos,
Nas flores de narciso, em seus sinais.

Quando a beleza fere o coração
A sua imagem brilha, resplandece.
O coração enfim rompe o açude
E segue velozmente rio abaixo.

Move-se generoso o coração,
Ébrio de amor, em sua infância, e salta,
Inquieto, e se debate; e quando cresce,
Põe-se a correr de novo enamorado.

O coração aprende com Seu fogo
A chama imperturbável desse amor (Lucchesi, 2000, p. 75).

O amor místico é avassalador, não se pode compreendê-lo com as categorias da razão e do intelecto, o amor não requer explicação diante da impossibilidade de explicá-lo, ao homem cabe simplesmente saborear esse doce sentimento, deixando-se consumir por inteiro... A razão do coração é sobremaneira diferenciada da razão do intelecto. Do âmbito do sentimento, e como tal, é um “acontecimento” que não depende estritamente da vontade do homem:

Não é simples o itinerário que leva o sujeito ao encontro do Amado. Como mostra Rûmî, o Amado está sempre disponível e presente, ao alcance de uma acolhida. O amante jamais busca o Amado sem ser antes buscado por ele. O que ocorre, porém, é que nem sempre o sujeito encontra-se preparado e disponível para abraçá-lo (Teixeira, 2004, p. 8).

Encontro de almas

Vem,
Conversemos através da alma.
Revelemos o que é secreto aos olhos e ouvidos.

Sem exhibir os dentes,
Sorri comigo, como um botão de rosa.
Entendamo-nos pelos pensamentos,
Sem língua, sem lábios.

Sem abrir a boca,
Contemo-nos todos os segredos do mundo,
Como faria o intelecto divino.

Fujamos dos incrédulos
Que só são capazes de entender
Se escutam palavras e vêem rostos.

Ninguém fala para si mesmo em voz alta.
Já que todos somos um,
Falemos desse outro modo.

Como podes dizer à tua mão: “toca”,
Se todas as mãos são uma?
Vem, conversemos assim.

Os pés e as mãos conhecem o desejo da alma.
Fechemos pois a boca e conversemos através da alma.
Só a alma conhece destino de tudo, passo a passo.

Vem, se te interessas, posso mostrar-te (Carvalho, 1996, p. 33).

O monge beneditino Anselm Grün, em seu livro *A alma: seu segredo e sua força* faz uma reflexão em torno da potencialidade da alma como o lugar do “si-mesmo”, capacitada de força regenerativa independente – princípio unificador originário – das condições externas do ambiente, e também é o lugar onde habita o

sagrado de cada ser, as memórias daquilo que amamos e daquilo que de certa forma nos é mais profundamente e interiormente desejado, querido. Nos recônditos da alma subjaz as impressões do mundo captadas intuitivamente, passado pelo filtro do “si-mesmo”, ou seja, o Deus que habita o nosso íntimo no fundo da alma (Grün, 2010, p. 169-172).

Percebo em alguns encontros a diferença entre um contato superficial, no qual a gente conversa sobre todas as coisas possíveis, e um encontro cheio de alma, em que a alma recebe asas. Então não falamos de alguma coisa genérica, mas chegamos ao essencial. E de repente surge uma vibração. Duas almas se tocam e se fecundam. Elas se animam mutuamente a tocar no pensar e no falar o mistério que as ultrapassa (Grün, 2010, p. 228).

Há que se ter um coração polido para captar nas entrelinhas as teofanias que se oferecem em cada momento, a cada instante. Deus se revela nos encontros que Ele suscita: Rûmî e o dervixe errante Shams de Tabriz sentiram a sinfonia do amor nas cordas de suas almas de modo magnânimo, sentiram um entrelaçamento de profundo amor na face do outro, sentiam uma fluidez tal provocada por esse amor que os reportavam para além das formas, do espaço e do tempo. Inebriados pela suavidade desse amor, os dois se bastavam na cumplicidade, no afeto...

No entanto, essa união mística amorosa, gera ciúmes àqueles que não conseguem mergulhar no mar do amor. E, foi o que aconteceu com Shams e Rûmî: os discípulos de Rûmî ficaram tão enciumados do sentimento deste para com Shams que começaram a conspirar contra a presença de Shams e a maldizer a amizade dos dois. Shams, não suportando o despeito e o ressentimento gerados ao seu redor, resolve então partir e novamente levar a vida de dervixe errante.

Com a partida de Shams, Rûmî consome-se em saudade, em noites de vigília com a falta da presença do amigo fisicamente, e a nostalgia do amado servia-lhe como perfeita inspiração para compor lindos poemas místicos.

Eu e Tu – A Experiência Mística

A ausência torna-se presença nos poemas de Rûmî. “Do amador que se transforma na coisa amada. Do amor platônico ou socrático, a desvelar o paraíso. Rûmî e Shams uniram-se em comunhão mística (*sobhet*), na ante-sala do Amado, no jardim que anuncia outro e mais belo”: (Lucchesi, 2000, p.19)

EU e TU

Sentados no palácio duas figuras,
São dois seres, uma alma, tu e eu.

Um canto radioso move os pássaros
Quando entramos no jardim, tu e eu!

Os astros já não dançam, e contemplam
a lua que formamos, tu e eu!

Enlaçados no amor, sem tu nem eu,
Livres de palavras vãs, tu e eu!

Bebem as aves do céu a água doce
De nosso amor, e rimos tu e eu!

Estranha maravilha estarmos juntos:
Estou no Iraque e estás no khorasan (Lucchesi, 2000, p. 19).

Da parte final do poema, pode-se entrever que a distância física não anula a presença espiritual, Shams mesmo distante no Khorasan está junto à Rûmî, ao que Rûmî maravilha-se. Segundo Adélia Prado (apud Alves, 2002, p. 11) “Tudo aquilo que a memória amou fica eterno”, e assim aconteceu com Rûmî, a sua memória do coração não o deixava esquecer Shams dia e noite... O amor os unia mesmo apartados pelo espaço/tempo, tudo estava em efusão amorosa. Mas, ainda assim, Rûmî ansiava pela presença física do amado, o momento do encontro, espiritual e físico, em que o seu coração pudesse sentir os eflúvios da doce presença física do amado. Um instante para os amantes é eterno...

Lucchesi em *A Sombra do Amado* diz que “somente a teoria de Buber, a do Eu e Tu, poderia iluminar as razões desse amor. Rûmî reconhece em Shams uma tensão avassaladora, como se dissesse, *a força de sua exclusividade apoderou-se de mim*” (Lucchesi, 2000, p. 19). A força que invade a alma de Rûmî tem o poder de reportá-lo a um mundo além das palavras, onde as cores e as formas adquirem uma nova luz, e o tu se revela além da própria vontade do eu, que transforma-se em desejo inebriante da presença, trazendo consigo a vontade de estar em comunhão com o amado a todo momento.

Sabe que o eu solitário, não existe e que o tu, isolado, não significa. O traço de união é tudo. O Eu-Tu move o universo. E guarda os raios leves do Sol. Enigma e espelho. Formas indiretas. Nostálgicas. Luminosas. As grandes amizades prometem céus inaugurais. E Shams representa a consciência primordial, trama inconsútil entre pensamento e palavra. O espírito que habita o campo da intuição e da possibilidade. Tomados em conjunto, Rûmî e Shams representam o princípio da unidade, que

vence o dois, o fragmento da existência regressa ao Uno, acima das múltiplas e cruciais manifestações do plural (Lucchesi, 2000, p.19-20).

Respeito a esse sentimento de amor, Martin Buber em sua obra *Eu e Tu* descreve uma fenomenologia do encontro e da relação, na qual o ser humano vai experienciando e vivenciando durante sua existência: “O tu se oferece (não é procurado) ao encontro e o Eu decide encontrá-lo. Temos, então, o escolher e o ser escolhido, na mútua ação do face-a-face. [...]O amor não é algo possuído pelo Eu como se fosse um sentimento. Os sentimentos, o homem os possui; porém, o amor é algo que ‘acontece’ entre dois seres humanos, além do Eu e aquém do Tu na esfera ‘entre’ os dois” (Buber, 2001, p. 39-40).

O amor é o sentimento humano capaz de transcender espaço e tempo, não existem fronteiras, nem limites, é o ilimitado. Desta maneira, Rûmî mesmo diante da ausência do amante torna-o presença com seus poemas, posto que Shams já fosse presença em seu coração. E sob o impacto da ausência física do amigo, e sob a comunhão mística com Shams, Rûmî compõe em estado de êxtase uma extraordinária obra poético-mística, onde destaca-se a potencialidade do amor humano.

O que fazer, se não me reconheço?
Não sou cristão, judeu ou muçulmano.

Se já não sou do Ocidente ou do Oriente,
não sou das minas, da terra ou do céu.

Não sou feito de terra, água, ar ou fogo;
não sou do Empíreo, do Ser ou da Essência.

Nem da China, da Índia ou Saxônia,
Da Bulgária, do Iraque ou Khorasan.

Não sou do paraíso, ou deste mundo,
Não sou de Adão e Eva, nem do Hades.

O meu lugar é sempre o não-lugar,
Não sou do corpo, da alma, sou do Amado.

O mundo é apenas Um, venci o Dois.
Sigo a cantar e buscar sempre o Um.

Primeiro e último, de dentro e fora,
Eu canto e reconheço aquele que É.

Ébrio de amor, não sei de céu e terra.
Não passo do mais puro libertino.

Se houver passado um dia em minha vida
Sem ti, eu desse dia me arrependo.

Se pudesse passar um só instante
Contigo, eu dançaria nos dois mundos.

Shams de Tabriz, vou ébrio pelo mundo.
E beijo com meus lábios a loucura (Lucchesi, 2000, p. 103).

Os poemas do Divan em sua maioria terminam fazendo menção a Shams, dedicando-os à Shams. Assim, como o objeto do amor humano (Shams), o objeto do amor divino (Deidade) também não é para nós uma efetiva presença física, nem por isso, o ser humano deixa de intuí-lo no fundo da alma como presença real.

Mas há que ter o coração purificado para perceber essa presença. Há que polir o coração. Aqueles que assim o fazem, transcendem o mundo dos nomes e formas, podendo contemplar sem cessar a Beleza a cada instante. O Amado é nosso vizinho mais próximo, nós é que estamos distantes dele, porque estamos também distantes do mistério que nos habita (Teixeira, 2004, p. 6).

Oh amigo, companheiro da caverna! Amor que
Devoras o coração.
Tu és meu companheiro, tu és minha caverna: Oh mestre, guarde-me!
Tu és como Noé, meu salvador, tu és minha alma, tu és o
Vencedor e o vencido.
Tu és o coração ferido, e eu estou diante da porta dos
Segredos!
Tu és a luz, tu és a alegria, tu és a fortuna triunfal.
Tu és o pássaro do Monte Sinai, eu fui ferido por teu
Bico.
Tu és a gota d'água e tu és o oceano, tu és a graça e tu és
O mensageiro.
Tu és o açúcar e tu és o veneno, não me entristeça
Mais!
Tu és a morada do sol, tu és o palácio de Vênus.
Tu és o jardim da esperança, mostre-me o caminho, Oh
Companheiro!
Tu és o dia, tu és o jovem, tu és a caridade;
Tu és a água, tu és o vaso: dê-me de beber.
Tu és o grão, tu és a carne, tu és o vinho, tu és a taça,
Tu és a maturidade e a imaturidade; faz-me maduro.
Se meu corpo fosse menos exigente, criaria menos obstáculos
Ao meu coração,
Ele se tornaria submisso, e não me seriam necessário tantas
Palavras (Rûmî, 1973, p. 69-70).

Sobre a questão do Amigo como condição de possibilidade de união mística, Rûmî encontra em Shams “[...] o arquétipo do amor divino nele encarnado [...] Assim também, no ato da entrega amorosa, o amado não representa o Amado, mas o presentifica” (Lucchesi, 2000, p. 28). A união com o Amado (transcendente) se dá por via da figura do outro, o semelhante ou próximo (imaneente). Na alteridade, na relação com o tu é que o homem alcança em plenitude sua humanidade e conseqüentemente o

Amado. Aqui há uma possível confluência com a mística cristã de São Francisco de Assis, que abordaremos adiante.

Da sede pela unidade do Amor nasce a nostalgia do Amado, e essa é condição existencial do ser humano: um sentimento de incompletude. O ser humano vive em busca da unidade originária e, com isso, angustia-se. Mas não é uma simples angústia ou tristeza, mas a angústia existencial, que deseja a completude do Amado. E, da angústia, vem a insônia:

O sono perturbaste, meu Amado,
No sangue de meu frágil coração.

Sigo buscando a fonte da doçura
Acima do sublime entendimento;

Embora a noite seja imprevisível,
Torna meu sono límpido e suave.

Sou apenas a Sua sobancelha,
Enquanto não alcanço o seu amor:

Estou magro, minguante, solitário,
E já não sei dormir na lua nova.

Peço ao Amor em plena madrugada
Que leve para longe o sono frágil.

E o sono volta, procura combate,
Mas foge: meu exército é maior.

Do céu vem o amor: sua grandeza,
Desejo cristalino e soberano,

Levou o sono dos meus olhos frágeis.
Velam comigo insones companheiros.

Se estás profundamente enamorado,
Segue sem vacilar esta vigília.

O sono volta nos primeiros raios
E mesmo assim resisto, e já não durmo (Lucchesi, 2000, p. 71).

Para o teólogo Faustino Teixeira, estudioso da mística islâmica, Rûmî é o místico sufi que “canta a unidade”. Com o desejo de unir-se ao Amado e retornar ao seio originário, encontra o amor como possibilidade, a nostalgia manifesta-se como amor:

Há uma nostalgia permanente do ser humano, que anseia retornar à fonte e à união com o Amado. E o que inspira o lamento da flauta, que sonha a comunhão, é o amor (MI 12-14). A nostalgia manifesta-se como amor, que não é senão uma expressão da

“sede metafísica” pela unidade. Há em Rûmî um desejo imenso de Deus, uma paixão pela unidade que passa além das fronteiras. Da razão e da loucura. Do inferno e do paraíso. Das confissões (Teixeira, 2004, p. 7).

Mas, Faustino Teixeira sublinha que:

Na visão de Rûmî, Deus está presente no íntimo do coração: é o sempre-já-aí. O Deus transparente que é diafania mais que epifania. Mas Dele há sempre que recordar, permanentemente. Quando há no coração a presença da centelha do amor de Deus, a correspondência de amor vem imediatamente (MIII, 4396) [...] O amor humano é etapa e ponte que traduz uma caminhada mais complexa em direção ao Amado. O amor é para Rûmî um “estado de alma” que conduz ao horizonte do amor divino e aponta o caminho. Daí sua convicção da importância da religião do amor, como a mais sublime forma de todas as religiões. O amor é “o único lugar, o único ponto capaz de religar o eu do ser humano e o mundo da unidade, que é o mundo da divindade” (Teixeira, 2004, p.13-15).

Rûmî e Francisco de Assis: O tempo do eixo do amor

Leonardo Boff em seu artigo “O Eixo do Amor: Rûmî e Francisco de Assis” (In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 78-88) refere-se aos vários modos do tempo: o tempo cosmológico (que obedece ao dinamismo da evolução), o tempo do relógio (que é sempre constante, pouco importando os conteúdos e eventos que se sucedem) e há ainda o tempo denso e seminal (aquele momento no qual o tempo do relógio parece parar, tal a intensidade do evento que acontece, e é vivido subjetivamente): “Os apaixonados entendem esta linguagem: o tempo do encontro de amor e do êxtase desaparece para dar lugar a uma experiência de total concentração e realização” (Boff In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 78). Este é o tempo chamado Kairós, designação derivada do grego, “é o tempo maximamente denso, fundador de outra história e descortinador de um novo horizonte” (Boff In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 78).

[...] Esse tipo de tempo que representa uma reviravolta em seu curso e que funda tempos novos e longos da história humana, marcando certa homogeneidade e uma determinada direção dos acontecimentos. O filósofo Alemão Karl Jaspers chama a isso de *Ackszeit*, *tempo do eixo*. Com isso quer dar conta do fato de que, de repente e simultaneamente, ocorreu uma virada no eixo do tempo histórico em várias e grandes culturas. Nelas ocorreu uma irrupção de novo estado de consciência nas pessoas, surgiram novas mensagens, emergiram novos valores e começou outra configuração da história (Boff In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 79).

Jesus e Sidarta Gautama, assim como Rûmî e São Francisco de Assis, foram figuras que doaram um sentido novo ao tempo histórico. Todos são expressões do *tempo do eixo*, estabeleceram um referencial de sentido onde o amor é o eixo de onde tudo emana. (Boff In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 70).

Para Hegel é a emergência do *Weltgeist*, do Espírito no mundo ou Espírito do mundo. Espírito é aquela energia misteriosa e soberana que preside o curso do cosmos, da vida e da consciência, e orienta todos os fenômenos para uma síntese derradeira, não mais superável (Boff In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 80).

Rûmî (1207-1273) e Francisco de Assis (1181-1226) foram contemporâneos, no entanto, nunca se encontraram e nem ouviram falar um do outro. Contudo tiveram a mesma inspiração, a mesma intuição aflorando em seus corações, viveram a intensidade do amor nas últimas instâncias:

Ambos foram místicos e exímios poetas. Viveram quase na mesma quadra da história, Rûmî no Oriente Médio, entre os atuais Afeganistão, Irã e Turquia, e Francisco em Assis, na Itália central. Mas ambos são expressões notáveis do *tempo do eixo* ou do *Espírito do mundo*. Sua missão é Kairológica, pois fizeram com que o tempo vivido por eles fosse seminal, servisse de semente alimentadora para milhares de pessoas até hoje (Boff In: Lucchesi e Teixeira, p. 81).

A semente do amor, que estes dois místicos deixaram a posteridade os imortalizou, bem como transformaram uma época e o paradigma vigente, criaram uma nova ordem, um cosmo na caoticidade do momento temporal em que viveram, deslocando o eixo de um tempo:

Todos eles representam o eixo do amor que irrompeu em todas as suas formas e que foi cantado de mil maneiras, especialmente a poética. O coração, o sentimento, a ternura, a comoção e a cordialidade ganham centralidade, e não a razão, a argumentação e a comprovação. Primazia ganham o eros e o pathos, e não o logos e a ratio. Nisso, Rûmî e Francisco de Assis comparecem como almas gêmeas e testemunhos de um outro Espírito no mundo: a irrupção do eixo do amor (Boff In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 81).

Esse amor que, na verdade, constitui a experiência originária dos místicos, amor que não conhece fronteiras religiosas e culturais. O amor que desnuda preconceitos, devasta o “estabelecido” levando o ser humano ao sentimento de que algo maior se revela para além da racionalidade humana: o transhumano. Independente da vontade humana o amor consome o coração em fogo que abrasa e reduz todo o resto à cinza e pó.

É curioso observar que tanto Rûmî quanto Francisco de Assis tiveram a experiência do Amor mediado por um Amado ou Amada. Rûmî no encontro com Shams e Francisco de Assis no encontro com o leproso. Francisco se depara com a miséria humana, e se reconhece nesse ser humano, como o seu semelhante. A compaixão brota do coração de Francisco para com aqueles que ele sente como os seus irmãos universais. Percebe a degradação do ser humano, oriunda da injustiça social, a

partir daí começa um novo “olhar” para as coisas do mundo. Então sua vida se transforma fundando outra realidade para além das formas sociais estabelecidas.

Segundo Boff (In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 85), “além das muitas afinidades entre Rômê e Francisco, há uma que é conatural à experiência do amor: a embriaguez e a loucura.” A experiência mística causa um impacto no ser humano transpondo um limite reconhecidamente como “normal” pela visão ordinária do mundo, a partir da experiência mística advém um novo sentido à existência. Francisco de Assis foi considerado um louco, rompeu definitivamente com o mundo dado culturalmente, despojando-se do pai publicamente, renuncia a um tipo de vida social pré-estabelecido, passando para o outro lado da sociedade: daqueles que estão à margem da cidade (marginalizados), excluídos da lógica social convencionada. E, neste momento histórico, os leprosos e os pobres, são principalmente os mais excluídos. Francisco refunda o cristianismo primitivo, criando uma nova “ordem”, que não a ordem estabelecida socialmente pelo clero daquele momento histórico, onde as missões tinham caráter de dominação e poder e não propriamente de evangelizar segundo o Evangelho de Cristo. A vontade de poder e conquista, fazendo-se como finalidade da vida um sentido puramente terreno, por isso, Francisco quebra a lógica de um tempo, e com a nova Ordem Franciscana traz um paradigma diferente daquele convencionado pela sociedade do seu tempo, e por isso considerado louco por muitos.

Posteriormente esta efusão amorosa se passa com Clara (o amor de sua vida), como o espelho onde se reflete o amor divino. Uma grande amizade espiritual nasce do encontro com Clara, unidos pela mesma inspiração em seguir uma missão no mundo em comunhão de ideal, os dois enamorados sublimam e plasmam o amor humano no amor divino. Fato inédito até então, a amizade entre um homem e uma mulher com cuidado e afeto que não fosse através do casamento, para a época era algo impensável. Mais uma vez a força do amor opera um deslocamento no curso dos moldes humanos estabelecidos e gera uma nova forma de ser. Narram os hagiógrafos que Francisco

embevecido de amor saía pelas estradas e campos gritando: “o amor não é amado, o amor não é amado”[...]

E proclamava o amor a Deus descoberto em cada dobra da existência e em cada pequeno sinal da criação, no pássaro que canta, no bichinho que penosamente tenta cruzar o caminho, no irmão sol e na irmã lua. São Boaventura, em sua biografia, diz que Francisco era dominado por um *spiritus ebrius* de comoção e afeto. Com efeito, ébrio do amor incondicional a todas as coisas e a Deus, dançava, tomava dois pauzinhos e os transformava num violino, gostava de cantar as cantigas provençais

de amor até em seus últimos momentos de vida. Os biógrafos testemunham: “*cantando mortuus est*”, “morreu cantando” (Boff in: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 85).

Assim também Rûmî depois da experiência mística do encontro de Shams de Tabriz passa a ser considerado como “louco”, o mestre de grande reputação, até então voltado aos estudos e a seus discípulos, passa a cantar e dançar o Samã (a dança cósmica) com Shams tornando-se um dervixe e cantor extático em exercícios contemplativos esquecendo-se de todo o resto. Comportamento que causa estranhamento perante os seus discípulos, que o consideravam como um mestre quieto e pacato dedicado aos estudos. Rûmî inebriado pelo êxtase somente quer sentir e mergulhar nos abissais do amor. Nada mais faz sentido além da experiência do amor, tudo se torna vazio e vazio diante da imensidão e magnitude do amor.

O mesmo percurso conheceu Rûmî. Inebriado pela experiência amorosa conjuntamente com Shams de Tabriz, como narra seu filho e primeiro biógrafo Sultan Walad, “vivia delirando como um louco” e “enlouquecido de amor”. Num poema do *Rubayat* diz: “hoje eu não estou ébrio, sou os milhares de ébrios da terra. Eu estou louco e amo os loucos, hoje” (Boff In: Lucchesi e Teixeira, p. 86).

Boff assinala que os dois místicos viviam o amor na sua radicalidade de tal forma que Rûmî dizia: “É tempo de amor: o Amado escorre em mim como sangue nas veias e na pele”. “De mim, nada resta senão um nome, todo o resto é Ele” (Boff In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 87). Após a comunhão mística no amor o ser humano é tomado por uma força maior como se o espírito humano se abrisse dando lugar ao espírito divino, agora quem age não mais é o intelecto, mas o coração (qalb). Assim a obra poética de Rûmî retrata todo o itinerário espiritual e ascese mística contemplativa vivenciada por este. O recurso para tal obra é a imagética, pois as palavras se tornam “pobres” para descrever o inexplicável e inominável amor.

Difícilmente, na história da mística universal, encontramos poemas de amor com tal imediatez, sensibilidade e paixão que aqueles vividos e escritos por Rûmî, seja sobre o amor como presença, seja como ausência. Temos a impressão de uma fuga com um sem-número de motivos que vão e vêm expressando todas as modalidades do amor, do desejo, da paixão, da dor da distância e da celebração da presença (Boff In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 87).

Unidade Mística/Comunhão no Amor gerador

Oceano Infinito

O Amor é um oceano infinito,
Cujos céus são apenas um floco de espuma.
Saiba que as ondas do Amor

É que fazem girar a roda dos céus,
Pois sem o Amor o mundo seria sem vida.
Como se transformaria em árvore uma coisa inanimada?
Os vegetais não se sacrificariam para conseguir seu espírito?
Como se sacrificaria o espírito pelo Sopro cujo perfume engravidou Maria?
Cada átomo é seduzido por esta Perfeição e corre para ela.
Sua pressa diz implicitamente: Obrigado, ó Deus (Rûmî In: Teixeira e Berkenbrock, 2002, p.19).

O amor é a força nutriz e geradora de todo universo, a comunhão no amor promove um estado de alma para além do humano, alça vãos em um espaço/tempo não concebíveis dentro do meramente humano, ultrapassando um limite e transportando o ser a um âmbito trans-humano, aquele ao qual todo ser se destina:

O amor possui raízes divinas. O termo amor talvez seja o evento mais importante que se encontra na vida (e com certeza o é para Mawlânâ). Pois o amor deve ser a motivação da busca, o fio condutor pela senda e a meta final que é a de se encontrar no Amado. “Sendo assim Rûmî diz: ‘Onde quer que estejas, seja qual for a sua condição, tente sempre ser amante’, não fala do amor como um fim em si mesmo; nem do amor humano como última possibilidade no potencial humano”. Porque para além desta possibilidade existe o mergulho na vacuidade do sopro amoroso do Amado (Werneck Filho In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 96).

Rûmî liga o amor a uma lei universal, sob o jugo da qual todos os seres estão mergulhados, remetendo a lei (*Shari’a*), – que para o Islã é um dos fundamentos de base (cf. Werneck Filho In: Lucchesi e Teixeira, 2007, p. 97).

Contrariamente, a uma idéia de afastamento do mundo, o místico tem um novo olhar para as coisas do mundo, todas banhadas pela luz divina. “No amor fomos gerados, No amor nascemos” (Rûmî In: Carvalho, 1996, p. 151). “Aqui, todo ser gera um anjo” (Rûmî In: Carvalho, 1996, p. 54).

Conclusão

O amor incondicional é a condição de possibilidade de vencer o solipsismo monadológico humano, nos irmanando pelo amor fraterno. Transformando-se em amor incondicionado a partir da relação com o outro o homem encontra Deus. Rûmî com o poema Eu e Tu evidencia a experiência do amor humano vivenciado em toda a sua plenitude como a porta para o amor divino. A alusão ao amor humano como um quê de divino deixa ao homem a esperança de encontrar Deus aqui mesmo neste mundo, co-habitando dois mundos, o humano e o divino pelo sentimento de amor. Essa é a pista que nos deixa Rûmî, o EU mônada não é capaz de captar Deus na sua completude, ou

seja, é na relação com o Tu que o homem estabelece o ligame com Deus. Tudo está relacionado e imbricado intimamente: homem/mundo (tanzih) e homem/Deus (tashbih).

Se o amor humano é uma via de acesso ao transcendente, não precisamos esperar outro mundo para chegarmos a Deus, pois que este já é efetiva presença neste mundo. Através do amor humano transcendemos a Deus, tudo se religa, a comunhão e a unidade se dão pelo sentimento do amor. Não há uma laceração entre Deus, homem e mundo, mas uma união cósmica, onde tudo está interligado no amor. Em Rûmî, o dualismo de todas as coisas e do mundo se dissolve, tudo é uno.

Rûmî em sua poética musical faz alusão metafórica recorrendo a imagens oriundas do mundo e do universo como conectivos. Os símbolos místicos reportam-se sempre a imagens da natureza como parte do ser humano, não há separação entre estes. Tudo está interligado e co-relacionado: homem, mundo e Deus. Daí, uma visão de união cósmica e mística. O símbolo está ligado à linguagem das profundezas, irredutível a lógica conceitual. Este caráter do símbolo torna-o universal e ao mesmo tempo não passível de dogmatismos doutrinários porque não é fechado em si mesmo. O símbolo permite o desvelo hermenêutico a partir de cada ser em particular, de sua visão de mundo, de sua existência vivenciada, da sua alma e seu coração de forma ímpar a cada criatura, sem, no entanto, tirar-lhe o que lhe é próprio.

Rûmî em seus poemas traz imagens simbólicas para fazer alusão ao que se ausenta, este traço peculiar da linguagem mística torna-a atemporal, no sentido que não se reduz ao momento histórico contingenciado, mas vai além das cores, da forma e do tempo... Tem a propriedade de tornar presente o que se encontra ausente.

Amor (Islã)

Onde quer que eu vá – somente Tu!
Onde quer que eu pare – somente Tu!
Precisamente Tu.

Ainda Tu!
Sempre Tu!
Tu, Tu, Tu!
Quando tudo vai bem – Tu!
Quando tudo vai mal – Tu!
Tu, tu, tu.²

² Esta oração islâmica que encerra este artigo traduz de maneira a contemplar o amor como um sempre já-aí posto na alma de cada ser (In: Teixeira e Berkenbrock, 2002, p. 25).

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *Retrato de amor*. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

CARVALHO, José Jorge de. *POEMAS MÍSTICOS/ RUMI – Divan de Shams de Tabriz*. Tradução e Introdução de José Jorge de Carvalho. São Paulo: Attar, 1996.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

GRÜN, Anselm; MÜLLER, Wunibald. *A Alma: seu segredo e sua força*. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LUCCHESI, Marco. *A Sombra do Amado: Poemas de Rûmî*. São Paulo: Ficus, 2000.

LUCCHESI, Marco e TEIXEIRA, Faustino. *O canto da Unidade: Em torno da poética de Rûmî*. Rio de Janeiro: Fissus, 2007.

NICHOLSON, Reynold Alleyne. *Los Místicos Del Islam*. Version Española de Fernando Valera. Colección “Mística y Religion”. México: Ediciones Orion, 1945.

RÛMÎ, Mawlana Djalâl Od-Dîn. *Odes Mystiques (Dîvân-E Shams-E Tabrîzî)*. Traduction du Persan ET notes par Eva de Vitray-Meyerovitch ET Mohammad Mokri. Éditions Du Seuil/Éditions UNESCO, 1973.

SCHUON, Frithjof. *Para Compreender o Islã*. Tradução de Mateus Soares de Azevedo. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

TEIXEIRA, Faustino. Rûmî: a paixão pela unidade. *REVER (PUCSP)*, São Paulo, v. 3, n. 4, 2003, pp. 20-41.

TEIXEIRA, Faustino; BERKENBROCK, Volney (Organizadores). *SEDE DE DEUS – Orações do Judaísmo, Cristianismo e Islã* (Vários autores). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.